



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII - EUNÁPOLIS
COLEGIADO DE LETRAS

MÔNICA SILVA GOMES

A (NÃO)VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA

EUNÁPOLIS - BA
2023

MÔNICA SILVA GOMES

**A (NÃO)VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Letras Vernáculas e Literatura
do Departamento de Ciências Humanas e
Tecnologias da Universidade do Estado da
Bahia – *campus XVIII*.

Orientadora: Prof^a Me. Andréia Cristina Freitas
Barreto

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

FOLHA DE APROVAÇÃO

A (NÃO)VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas e Literatura do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVIII* na Área de concentração: ensino de língua portuguesa e práticas pedagógicas.

Aprovada em: 08/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Andréia Cristina Freitas Barreto

Orientadora - Prof.^a Dr. Andréia Cristina Freitas Barreto
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Lícia da Silva Sobral

Prof.^a Esp. Lícia da Silva Sobral
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Diego Ramon S. Pereira

Prof. Dr. Diego Ramon Souza Pereira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao criador e aos meus pais, pois sem eles, não teria conseguido chegar até aqui, foram tantas barreiras derrubadas outras pulei, mas aqui estou.

Para dá seguimento aos meus agradecimentos, quero dedicar o meu trabalho a todos os professores, desde do meu ensino base, telecurso 2000 e ensino médio, mas em especial, aos colegas da graduação! Com vocês, aprendi o significado do que é ser professor, gratidão sempre se fará presente! Dedico às minhas colegas que seguraram minhas mãos e não me deixaram cair.

Para finalizar, dedico à minha família, marido e filhos, que suportou meu estresse, pois ser dona de casa, esposa, mãe e estudante foi muito desafiador! Não foi fácil mudar a rotina, pensei várias vezes em desistir do meu sonho... que também era o sonho da minha mãe, mas lembrava que não poderia desistir, e o que ecoava era só por esse semestre.

Dedico este trabalho para todos da minha família, avós, avôs, tios, primos! Agora temos uma letrada na família, que venham mais.

E para aquela, que segurou minhas mãos e falou estou com você! Serei sempre grata e jamais irei esquecer suas palavras. Você mais que capaz, deixa de medo, essas palavras ecoam na minha cabeça sempre, grata por tudo, minha orientadora que admiro tanto, gratidão pelo acolhimento.

RESUMO

Não é de se estranhar que o preconceito linguístico vem sendo abordado no cotidiano escolar de maneira genérica. Alguns estudos têm mostrado que diversos livros didáticos têm apresentado o conteúdo, entretanto, muitos professores têm deixado de abordar a variação linguística, pois não sentem segurança para contextualizar/problematizar o tema na sala de aula. Diante dessa problemática, esta pesquisa visa compreender como as variações linguísticas vêm sendo apresentadas para os alunos no livro didático e como o mesmo contribui para a assimilação do conceito de variação linguística. Desse modo, optamos por analisar o livro “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem” do 6º ano do Ensino Fundamental II, do ano de 2018, de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi. Para embasar a pesquisa utilizamos os escritos de: Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Virgínia Rosa Mattos Silva, Maria Cecília Mollica, Irandé Antunes, Carlos Alberto Faraco, dentre outros. Os resultados mostraram que o preconceito linguístico vem sendo abordado no cotidiano escolar, mas ainda não se tornou um componente que explore a história da língua portuguesa brasileira, para explicar a variedade da nossa língua. Foi observado que, conforme o material didático pesquisado, as abordagens utilizadas não são satisfatórias, pois, comparando o crescimento do preconceito linguístico, o espaço delimitado à sua desconstrução é deveras insuficiente. Ainda é possível considerar que o livro deixa a cargo do professor como irá problematizar o conteúdo em sala, mas este pode simplesmente ignorar a reflexão proposta.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livro Didático. Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 PRECONCEITO E RACISMO UMA PRÁTICA DO SILENCIAMENTO	08
3 LETRAMENTO SOCIAL E A “CULTURA LETRADA”	11
4 ANÁLISE: como o livro didático propõe o estudo das variações linguísticas, e como o preconceito linguístico é exposto?.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o tema Variação Linguística vem sendo explanado em diversos estudos, tais como os de, Marcos Bagno (2003), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), Maria Cecília Mollica (2011), Carlos Alberto Faraco (2007), entre outros. Esses autores apontam que, é necessário trabalhar a variação no uso cotidiano da língua do aluno, fazendo com que este, construa um pensamento crítico-reflexivo a respeito da variação social e a norma padrão. Vale ressaltar que, somente por meio do domínio da norma padrão, o aluno conseguirá acessar todos os meios sociais onde ele está inserido. Essa norma é assimilada por diversas interpretações sociais, como inúmeros contextos culturais onde a variedade linguística atravessa o espaço-tempo.

Sendo assim, é necessário que os alunos desde os primeiros anos da Educação Básica compreendam o conceito de *variação linguística*, uma vez que, por meio dela, conhecem a história da língua brasileira, seu processo de formação do idioma, como também, às diferenças culturais. Desse modo, o aluno assimilará que a língua não é homogênea, e como tal, permite influências tanto internas quanto externas.

Nesse sentido, o fator social também contribui para que essas transformações aconteçam. Um exemplo dessas modificações é a palavra “você”, que ao longo dos séculos, vivenciou uma metamorfose: “vossa mercê” > “vossamecê” > “vosmecê” > “você”, mas que jamais, será reduzida a “vc”¹. Todavia, quando um usuário da língua sem *status* pronunciava “vosmecê”, logo era prejudicado como “analfabeto”, “burro”, ou como alguém que “não sabia falar”, além de outros adjetivos tão desagradáveis quanto.

Para que esse tipo de depreciação não aconteça mais, é necessário problematizar o processo de construção da língua brasileira. Em vista disso, é primordial que os alunos tenham acesso a esses estudos logo no início dos primeiros anos da Educação Básica: a introdução da formação da língua brasileira, como ela foi imposta aos povos originários e como também, os imigrantes contribuíram para a formação do português brasileiro, desde os povos africanos aos europeus.

Precisamos nos atentar que, atualmente, o índice de brasileiros que não concluíram o ensino médio é monstruoso²: em 2022 o IBGE, pontuou que 53,2% dos jovens com idade a partir dos 25 anos, não concluíram a educação básica e a taxa de analfabetos em todo o Brasil

¹No processo de variação linguística, o fator mais importante é a economia de sintagmas. No caso da palavra “você” e sua variante escrita “vc”, exige-se a mesma quantidade de tempo na pronúncia.

² Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 22 ago. 2023.

é de 5,6%. Diante dessa realidade, como exigir destes falantes o domínio da norma culta, se o Estado não dá a eles a estrutura para permanecerem nas salas de aula? A fome sempre vai “gritar mais alto”, do que a “necessidade” de estudar.

Diante dessa relevância, esta pesquisa visa compreender como as variações linguísticas vêm sendo apresentadas para os alunos no livro didático, uma vez que, é uma estratégia metodológica principal do professor, e como o mesmo contribui para a assimilação do conceito de variação linguística. Sendo assim, optamos pelo livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* do 6º ano do Ensino Fundamental II, do ano de 2018, de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi como o nosso objeto de análise.

Assim, para alcançar o objetivo, buscamos identificar como o conceito de Variação Linguística está sendo apresentado e sugerido para o trabalho em sala de aula. Nesse sentido, analisar o livro didático se tornou de extrema relevância, uma vez que, a forma como ele expõe os conteúdos, pode impactar diretamente na aprendizagem dos alunos.

2 PRECONCEITO E RACISMO UMA PRÁTICA DO SILENCIAMENTO

Bagno, em sua obra “*A norma oculta: nada na língua é por acaso*”, aborda a legitimidade do discurso do Ex/atual Presidente Lula, que desde a época de sua primeira candidatura (1989), vem sendo perseguido pela mídia por sua forma de falar, destacando a importância da existência de um representante diretamente das classes populares, simbolizando tanto as lutas sociais, como também, a variação linguística corriqueira do dia a dia do povo brasileiro. Para tanto, o autor afirma:

[...] Pela primeira vez, também, chega ao poder um representante das variedades linguísticas ‘populares’, com suas regras gramaticais que caracterizam a língua falada pela maioria da nossa população e que justamente por isso – por serem majoritárias num país onde só se valoriza o que vem da minoria dominante –, sempre foram alvo de preconceito explícito da parte dos falantes das variedades linguísticas de prestígio. Ora, [...] é muito mais fácil para a maioria do povo brasileiro *identificar-se com* a fala de Lula do que *identificá-la como* ‘errada’ (BAGNO, 2003, p. 30).

Há diversas problemáticas sobre a variação linguística e, como tal, inúmeros teóricos abordando essa ideia. Mesmo sendo debatido e problematizado, o preconceito continua a se repetir institucionalmente e o povo brasileiro ainda vive essa estigmatização intolerante na fala/escrita. Passar por tanto constrangimento causado pelo preconceito/racismo, desestimula o indivíduo ao aprendizado. Isso também é, prejudicial ao processo de construção da sua identidade através da autoexpressão. O autor Bagno (2003), no livro *A norma Oculta: língua & poder na sociedade* cita Stella Maris Bortoni-Ricardo (2003) e afirma que,

Na conclusão de sua fala, Bortoni-Ricardo acertadamente declarou : Uma sociedade como a brasileira, em que a língua-padrão é claramente associada a classe social [...], uma criança pobre, de antecedentes rurais só poderá ter alguma oportunidade se for introduzida à cultura letrada por meio do processo escolar, a menos que, por uma conjunção quase mágica de talentos, esforço pessoal e circunstâncias políticas, o letramento vá até ela e ela se torne um brasileiro ou brasileira que alcance a cidadania dominado os modos prestigiosos de falar. Assim, pode ser que essa criança chegue a ser presidente da República (BORTONI-RICARDO, 2003 *apud* BAGNO, 2003, p. 38).

A instituição escolar é um espaço para ter acesso aos saberes e como tal, desmistificar qualquer tipo de preconceito, cada sujeito é único, assim como, o aprendizado. O papel da Escola é libertar e não silenciar, é partindo dessa suposição que, ocorrem esses silenciamentos. É necessário compreender o porquê dessa repulsa nas variantes linguísticas, esses racismos/preconceitos na fala, visto que, somos um país plural e como tal, há uma grande variedade de sons/sotaques na nossa língua. É fundamental pensar como, os futuros e os atuais professores poderão combater esse silenciamento vivenciado no dia a dia da sala de aula.

Para Bagno (2003), o primeiro preconceito é o senso comum, que pode ser tradicional ou ideológico, este tipo de preconceito não é conceito e sim uma fórmula, com o propósito de rotular o que é “certo” ou “errado”, tanto na fala como na escrita. Nesse sentido, o autor aponta que:

É o preconceito de que existe uma única maneira ‘certa’ de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados *gramáticas*. Por sua vez, essas gramáticas se basearam, supostamente num tipo peculiar de atividade linguística – exclusivamente escrita – de um grupo muito especial e seleto de cidadãos, os grandes estilistas da língua, que também costumam ser chamados de “os clássicos” (BAGNO, 2003, p. 43).

Deste modo (Bagno, 2003) pontua que, para manter a língua nesse padrão de “norma culta”, os “eruditos” fazem de tudo para “defender” esse padrão tanto na escrita, quanto na fala, proclamando o que é “correto”, “civilizado”, “elegante”, dentre outros adjetivos para afirmar que, é a variação (norma culta) a de mais prestígio social, tida como “correta”, colocando como exemplo de modelo a ser seguida a *norma culta*. Sendo assim, Bagno (2003) afirma que, alguns filósofos explanam sobre a “língua de prestígio”, como, por exemplo, a *Gramática Moderna da Língua Portuguesa* do escritor Evanildo Bechara. Nessa obra, ele afirma “como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores **corretos**”. Para enfatizar como os eruditos se apropriam do que é certo ou errado, ditam como escrever de acordo às “pessoas cultas na época atual”. O autor questiona quem são essas pessoas consideradas cultas, e como o gramático Domingos Paschoal Cegalla (, chegou a essa afirmação. O método utilizado por ele para essa seleção não é explicitado no texto.

Ele não esclarece, e o que vemos, consultando o livro, é que os exemplos são tirados ou de sua própria imaginação ou, mais uma vez, de obras literárias. Todos esses autores, portanto, ao definir assim a *língua culta* ou *forma culta*, ou *norma culta*, ocupam o lugar que lhes cabe numa longuíssima fila de estudiosos da língua que, há quase 2.500 anos, associa *língua culta* com *escrita literária* (BAGNO, 2003, p. 45).

Nessa perspectiva, é importante considerar que, na antiguidade, assim como, na Idade Média, não existiam meios de comunicação em massa, como a escrita de fácil circulação vista atualmente. Sobre esse posicionamento, Araújo (2016, p. 28) pontua em sua dissertação que “o livro é considerado o primeiro instrumento de comunicação fomentado na sociedade, assim surge as primeiras bibliotecas, ou seja, cabendo aos literatos o monitoramento oficial da língua”. Entretanto, os eruditos afirmam que, a norma culta é o padrão a ser seguido, contemplado e ovacionado. Não havia moldes para registrar a língua utilizada da época, e, se não temos estes registros, eleger um único modelo não é fiel à realidade. Assim, enquanto linguistas, deve-se

sempre questionar os critérios usados para padronizar uma variante e estigmatizar todas as outras.

Para Santos (2008), a língua é uma atividade social, consequentemente, cada sujeito, a utiliza para interagir com seus iguais em uma comunidade de fala, e essa é uma *práxis* própria, de competência individual no uso da língua. Partindo desse pressuposto (o uso do estereótipo), a norma culta, ou seja, a língua idealizada, é baseada no uso dos grandes escritores canônicos. Contudo, a língua usada pelas pessoas “comuns”, é então, a língua sem prestígio, sem “valor”. Logo, a “cultura” é usada pelos *cidadãos de bem* e de prestígio social, e, invertendo a lógica natural, a minoria se torna a maioria para estabelecer os parâmetros do “correto”. Assim, é comum a perpetuação do preconceito da língua falada pela grande massa, e isso continuará enquanto não existir uma regulamentação mais enfática do material didático. Dessa forma, se faz necessário problematizar as variedades da língua, não como um conjunto de erros, mas como um jeito próprio de cada comunidade de fala, sem tirar a relevância do aprendizado da norma culta.

3 LETRAMENTO SOCIAL E A “CULTURA LETRADA”

No Brasil, a sociedade é rotulada injustamente como, “uma população que pouco lê”, mas como praticar a leitura diária, se a classe trabalhadora, que acorda às 4 horas da madrugada e retorna para casa à noite, não tem tempo para tal ato? Como serão motivados a se atentar para isso, se há todo momento sofrem com o preconceito/racismo na sua fala e escrita? Até quando essa péssima conduta vai existir na sociedade, intitulada “letrada”? Sabe-se, portanto, que isso continuará enquanto a *norma culta*, for aquela “empregada pelos cidadãos que pertencem aos segmentos mais favorecidos na nossa população.” (Bagno, p. 51, 2003). Nesse sentido, fica evidente que, os alunos oriundos tanto das periferias, quanto das zonas rurais, foram excluídos historicamente, e como tal, sentem na pele o racismo/preconceito na sua fala.

A própria negação da existência do preconceito linguístico – que qualquer criança pobre sente na pele e na alma ao abrir a boca numa sala de aula -, é a prova mais do que eloquente de que, para tais pessoas, as coisas têm que ficar mesmo como estão (BAGNO, 2003, p. 194)

Todavia, é inadmissível que as crianças passem por esse tipo de constrangimento, pois elas ficam com receio de falar, tirar suas dúvidas na sala de aula, ou seja, são silenciadas, antes mesmo de abrirem a boca. Em seguida, elas retornam para suas casas com suas dúvidas e mais dúvidas sobre o conteúdo estudado, e deste modo, são levadas a se conformar com essa dura realidade, que se repete durante muitas gerações. Esse cenário se repete também em casa, pois se tentam tirar as dúvidas, grande parte dos pais, também não tiveram acesso ao letramento, pois em muitos casos, são analfabetos.³

[..] Como prática da leitura inexistente nos meios familiares da maioria da nossa população, é na escola que ela deverá ser praticada como atividades principais do processo de educação linguística, ao lado de outras atividades igualmente importantes (BAGNO, 2003, p.187)

O preconceito linguístico existe, e como tal, devemos problematizar e nos dedicar a trabalhar categoricamente na sociedade como um todo, desde os anos iniciais do ensino, e, quem sabe assim, essas práticas de “silenciamentos” não irão fazer parte de outras vivências. É possível perceber, nos estudos dos autores supracitados que, para combater essa dura realidade social, é primordial debater o tema incansavelmente.

³ Como, por exemplo, é o caso de toda minha família: mãe, avós, tios e tias, aliás toda geração era de analfabetos. Só a partir da minha geração foi possível acessar esses meios de prestígio.

Para Bortoni-Ricardo (2005), a “não eleita pelo povo brasileiro, a língua culta”, conhecida como “língua de prestígio” predomina na sociedade e é necessária para se adequar ao mercado de trabalho. Desta forma, compreende-se que, por meio dela, domina-se aqueles que vivem à margem da sociedade: quem não domina a norma culta, será sempre “tutelado” pelos letrados. O português das gramáticas, dicionários e literaturas em geral é conhecido como culto em todos os meios da nossa sociedade, até mesmo pelos não letrados.

O comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua. Em sociedade com histórica distribuição desigual de renda (entre as quais o Brasil pode ser considerado paradigmático), as diferenças são acentuadas e tendem a se perpetuar. Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela a distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

No Brasil, as diversidades linguísticas socialmente “condicionadas” não são tratadas com seriedade de acordo com Bortoni-Ricardo (p. 14, 2005) e a Escola, ao priorizar a imposição de um ensino sistemático da língua, desconsidera qualquer desvio como algo a ser banido. A autor ainda afirma que, este sistema não é próprio de uma democracia e, ao comparar com as políticas adotadas por países com mais de uma língua oficial, é constatado que são adotados direitos aos programas de ensino bilíngue, para o respeito e preservação da identidade cultural.

Mollica (2011), em seu livro *Fala, Letramento e Inclusão Social*, expõe suas ideias sobre o tema preconceito linguístico, e cita autores como Bagno e Bortoni-Ricardo para embasar seus escritos.

[...] Em geral, conferimos positividade ou negatividade a linguagem do usuário segundo a crenças e atitudes, em razão de fatores e propriedades fora da linguagem, e a avaliação que fazemos tem como ponto de partida um modelo cujos critérios de configuração são parciais e não abrangem todas as variedades linguísticas. Eis as principais razões pelas quais criamos estigmas sociolinguísticos e avaliamos preconcebidamente os falantes (MOLLICA, 2011, p.37).

Assim, o preconceito é um mecanismo de exclusão, e como tal, deve ser superado na atualidade. Não deveria ser possível conviver com os preconceitos, quaisquer que sejam, logo, é necessário problematizar, por meios das discussões, para que se encontre mecanismos capazes de expor as variedades dialetais nos espaços do conhecimento, sem constranger os seus falantes. De acordo com Mollica (2011),

Do ponto de vista educacional, não há qualquer vantagem em avaliar os alunos quanto à variedade linguística. Atitudes preconceituosas são equivocadas científica e pedagogicamente (cf. Scherre, 2005) e só aumentam a distância entre linguagem dos alunos e a variedade padrão, concorrendo ademais para consequências de outra ordem, tal como baixa de autoestima, bloqueio dos falantes na interação em sala de aula. A

despeito de todos os fatores intra e extralinguísticos, as práticas pedagógicas têm de ser adotadas a partir de critérios. Creio que, ainda que a diversidade linguística seja realidade incontestada e seu uso regulado por fatores, é preferível defender a proposta educacional de insistir em práticas linguísticas da cultura letrada, prioritariamente na modalidade escrita de gênero acadêmico. (MOLLICA, p. 37, 2011)

Compreende-se que, o meio social do falante molda sua linguagem, portanto, por meio da oralidade, ele pode adquirir outros traços linguísticos ao mesmo tempo que, mantém as características da sua comunidade de origem. Isso ocorre, através do contato com sujeitos que dominam a norma padrão de prestígio, assim, o não alfabetizado tem a plena capacidade de se apropriar da fala de prestígio e, poderá ampliar seu dicionário pessoal, bem como, levará essa nova variação para a sua comunidade.

Nesse sentido, é assustador que ainda sejamos submetidos a questionar sobre diversidade, dentro de uma única língua com tantos falantes como o português (Bago 2003, p. 16). O Brasil, em seu imenso território, comporta uma população proporcionalmente numerosa, e essas comunidades de fala são, infelizmente, vítimas da injustiça social proporcionada pela estrutura desigual de distribuição de renda. E é devido a esses, entre tantos outros fatores, que, o discurso da língua oficializada pela estrutura governamental estimula o preconceito contra as variações culturais.

Os brasileiros da língua sem prestígio vivem às margens da sociedade, e como tal, deixam de vivenciar diversos serviços a que tem direito por não entenderem a linguagem inserida em inúmeros órgãos públicos. Bortoni-Ricardo *apud* Bago (2007, p.17) no livro “Preconceito Linguístico” no artigo, *Problemas de Comunicação Inter-dialetal na periferia de Brasília*, afirma:

A ideia de que somos um país privilegiado, pois do ponto de vista linguístico tudo nos une e nada nos separa, parece-me, contudo, ser apenas mais um dos grandes mitos arraigados em nossa cultura. Um mito por sinal, de consequências danosas, pois na medida em que não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua, nada se faz também para resolvê-los. (BAGO, 2007, p.17)

Com tantas problemáticas sobre a variação linguística, e inúmeros estudiosos debatendo esta teoria, tanto nas universidades, como também, em tantos outros espaços, o estigma continua para com esses trabalhadores: da zona rural, empregados domésticos, zeladores, varredores de rua, cozinheiros, etc. Tantos profissionais que não puderam estudar, pois tiveram que desistir dos estudos para “colocar o pão na mesa”. Assim, esses indivíduos são vítimas, colocados à margem que vivenciam diversos tipos de preconceitos (muitas vezes silenciados), por não dominar a língua prestigiada.

Nesse sentido, qual é o papel da Escola? Especulamos que seu objetivo seja conduzir nossas crianças, o futuro do nosso país, para uma ascensão. Tivemos como exemplo o ex/actual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que vivenciou diversos tipos de preconceitos, mas segue quebrando paradigmas sociais. Apesar desse caso de superação, sabe-se que, muitas pessoas marginalizadas não teriam essa mesma oportunidade.

Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), afirma que é possível organizar o sistema educacional desde a pré-escola, priorizando as carências reais da sociedade brasileira na sua “totalidade diversificada”. É executável desenvolver ambientes que assistam a todas as crianças: uma “formação ampla e profunda que priorize a diversidade cultural e que a leve em conta, não para homogeneizá-la, mas que extraia sua capacidade, com o alvo principal de enriquecer o patrimônio cultural brasileiro no sentido mais abrangente possível, assim afirma:

Nos primeiros anos de ensino, a diversidade linguística, o plurilinguístico de certas comunidades, o pluridialealismo de todos deveria ser respeitado, cultivado, não só para favorecer o desenvolvimento natural da expressão oral, como também para não criar bloqueios que se tornam no futuro intransponíveis não só na comunidade escrita, como também na oral. O convívio com dialetos dominantes se faria também e naturalmente, sobretudo através da leitura, quando fosse o momento, e pelo confronto contrastivo, sem avaliações de certo ou errado, mas na adequação/inadequação a determináveis situações novas. (MATTOS e SILVA, 2004, p.26)

Assim sendo, o respeito deveria ser mais recorrente, visto que, é a importância de respeitar a diversidade da língua portuguesa, e como tal, saber reconhecer que somos um povo plural, assim como, a autora complementa:

O plurilinguístico e o pluridialealismo, parte do pluriculturalismo, começam, no entanto, a tomar forma nas consciências mais claras das minorias e em outros estratos sócias que pensam e sofrem essas minorias dominadas e que, a partir daí, atuam hoje para que a consciência do Brasil pluricultural e pluriétnico, o seu reconhecimento e o seu conhecimento possam um dia a ser base de uma mudança ideológica que venha a dar forma a uma sociedade igualitária e justa que faça valer essa diversidade que, na sombra e sob opressão, até hoje enriqueceu o universo brasileiro. (MATTOS e SILVA, 2004, p. 48)

Quando os alunos chegam a Escola, nos seus primeiros anos iniciais, terão contato com vários falantes da língua materna com suas individualidades, dialetos e variantes. Sendo assim, será no processo de interação social que indivíduo perceberá que, tanto seus colegas, como também, os seus professores usam a mesma língua, variando ou não a maneira de falar. Através dessas trocas, caberá ao professor mediar as diversidades linguísticas, assim como Silva (p. 76, 2004) sinaliza que, se trabalhada de forma adequada, a diversidade ter como objetivo tornar o estudante fluente em sua língua, independente da comunidade de fala que se

relacione. Atualmente, ainda não temos nas Escolas uma disciplina específica para trabalhar a diversidade linguística, mesmo que, estes componentes sejam imprescindíveis para desmistificar os estigmas nas variações da língua materna, assim como é ressaltado no livro *O Português São Dois*:

Muito importante nesse processo será estar sempre atentos ao fato de que, desde os primeiros anos, os indivíduos são capazes de externarem-se metalinguisticamente sobre os usos linguístico, manifestar-se sobre propriedades estruturais das línguas quando, por exemplo, reconhecem estruturas e incompatibilidades semânticas. Esse saber metalinguístico intuitivo, do mesmo modo que o saber linguístico natural, não deveria nunca ser excluído, pelo contrário, faria parte do processo pedagógico contínuo de enriquecimento da língua que o indivíduo já traz na sua bagagem que precede a escolarização. Seria esse caminho para o desenvolvimento da capacidade de pensar sobre a língua, em suas diversas formas de comunicar, sem tentar explicitamente as teorizações gramaticais. É óbvio que um trabalho desse tipo traz implícita uma necessária e adequada formação linguística para os professores responsáveis pela disciplina que tratasse da língua materna (qualquer nome que tenha ou possa ter) nas primeiras séries escolares. (MATTOS e SILVA, 2004, p. 82)

Somente assim, as línguas marginalizadas passariam a ser respeitadas em todos os cantos da sociedade. É perceptível que, os novos estudiosos da língua materna demonstram persistência no estudo do tema, para que enfim, seja colocada em prática o tão pretendido componente dialetal da língua brasileira. Rosa Virgínia (2004) ainda afirma que, pensando na língua materna, desde o período colonial, se a taxa populacional de africanos, afro-brasileiros, povos originários e seus descendentes fossem somados, atingiriam uma média de 70% da população, enquanto os portugueses, somente 30% do total. Como a autora traz, a grande massa era falante de outras línguas e não eram alfabetizados. Sendo assim, esta realidade permanece.

Esse fator demográfico indica que a massa da população colonial adquiriu a língua hegemônica da colonização, o português europeu, numa situação hoje designada de aquisição imperfeita ou de aprendizado irregular, isto é, em condições de história familiar que configuram a situação de aquisição de uma segunda língua. Acrescenta-se a essa situação bilíngue/multilíngue o fato de essa aquisição se ter processado plenamente na oralidade, sem a sistematização e a pressão normativa da escolarização e consequentemente sem o suporte regulador da língua escrita. (MATTOS e SILVA, 2004, p. 112)

Partindo dessas afirmativas, observa-se que, ainda ocorrem preconceitos com a maioria dos falantes da língua materna, pois, como a herança da oralidade familiar que vai passado de geração em geração, os mesmos ciclos de preconceito vão sendo tradicionalmente repassados pelos mesmos grupos dominadores. É conhecimento que o contexto de aprendizado da língua é no meio social onde se está inserido. Sobre esse tópico, assegura-se que:

A história do Brasil informa que até fins do século XVIII, o número de letrados não ultrapassaria 0,5% da população (Houaiss 1985: 137). Só ao longo do século XIX e início do XX é que essa precariedade do letramento no Brasil passa a um patamar significativo de 20 a 30% de indivíduos escolarizados (id: ibid). Esses dados de A.

Houaiss no seu livro *O português no Brasil* (1985) se confirma com os dados apresentados pelo historiador Boris Fausto (1994: 237) que, a partir do primeiro censo brasileiro, o de 1872, afirma que, nessa altura, 99,9% dos escravos eram analfabetos. Entre a população livre, essa taxa era de 80%, subindo para 86%, entre as mulheres. Neste momento seria a população do Brasil estimada em 4,6 milhões. Informa ainda que apenas 16,8% da população entre 6 e 15 anos frequentavam escolas primárias e em cursos secundários estavam 12 mil alunos matriculados. A escassez da população, admitindo-se que essa transmitisse um padrão linguístico alto, desfavoreceu certamente o desenvolvimento de um português europeizado. (MATTOS e SILVA, 2004, p. 112)

Como descreve Silva (2004), a taxa de brasileiros que não dominavam a língua escrita era altíssima. Como se espera, então, que reproduzissem a língua culta/prestigiada, se não havia acesso à tecnologia da escrita? Nesse contexto histórico, os colonizados dominavam sua cultura somente com a oralidade, mas, na atualidade pós-colonial, com a norma padrão escrita, pertencente à elite europeia, foi descentralizado o poder político de todos os povos envolvidos. O colonizador criou um sistema excludente que o favorecia e, hoje, mesmo independentes, continuamos exaltando sua cultura como a ideal.

4 ANÁLISE: como o livro didático propõe o estudo das variações linguísticas, e como o preconceito linguístico é exposto?

O livro didático do 6º ano da coleção *Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem*, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi foi publicado em 2018, sendo utilizado no período escolar de 2020-2023. Divido em oito capítulos, que se referem a conteúdos diversos, apenas o capítulo 2, intitulado, *Verbete: palavra que explica palavra*; com o tópico; *A Língua Varia*, da página 63 à 71 (ou seja 8 páginas), percebemos uma sucinta concepção de variação linguística.

Antes de iniciarmos a análise, é válido destacar que, há uma enorme diferença entre o livro (manual do professor) e o livro do aluno (escolhido para este estudo). O Livro do docente é mais completo a nível de conceitos sobre a variação linguística, demarcando a reponsabilidade do professor sobre a forma de como vai apresentar, ou não, o conteúdo. Em relação ao livro do aluno, percebe-se que o tema é apresentado, mas não contextualizado para à realidade da Língua Portuguesa brasileira. Conforme Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 9) precisamos nos atentar enquanto professores que a variação linguística,

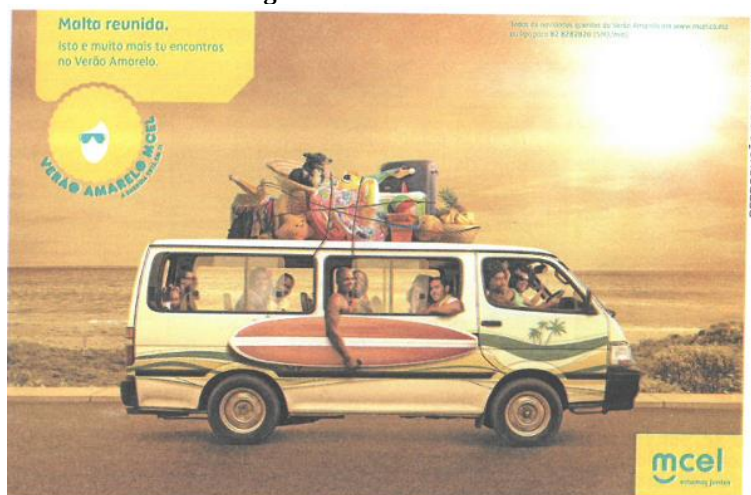
É um fenômeno que ocorre em todas as línguas. A língua sofre mudanças conforme o tempo passa e em razão do contato com outras línguas. As particularidades de cada falante, como sua idade e nível de escolaridade, também fazem com que a língua não seja sempre a mesma. Além disso, a língua também é empregada de modo diferente em situações que exigem maior ou menor formalidade. (ORMUNDO, SINISCALCHI. 2018, p. 64)

Desse modo, percebe-se que, o livro não destaca as variedades da língua no território brasileiro, tais como: as várias regiões, áreas urbanas e rurais, idade do falante, escolaridade. Mas apresenta uma charge contextualizando o emprego da língua e suas adequações em diferentes circunstâncias de uso da linguagem. Em alguns textos são apresentam variedades linguísticas do mesmo modo que a variedade padrão, como veremos alguns exemplos adiante. Todavia, cabe aqui pontuar que não há um foco definido, mesmo que abordem a temática.

No início do capítulo, é apresentado um anúncio publicado em Moçambique para análise, juntamente com o questionamento dos autores, “vocês já viu um anúncio publicado em outro país?” na publicidade, com uma chamada para aproveitar o verão. Contudo, o anúncio traz a expressão, “malta reunida”, uma locução que, tanto no Brasil quanto em Moçambique, tem os mesmos significados; “isso e muito mais tu encontras no verão amarelo” (Figura 1). Assim, já apresenta uma variação não muito comum no português brasileiro informal, onde seria mais usual usar a forma “você”. No entanto, apesar dessas comparações, não há

contextualização ao modo de trabalhar o conteúdo em sala. Após, introduzir o tema variação, há um pequeno questionário usando a expressão *malta reunida* “Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso?”.

Figura 01 – Malta Reunida



Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 63, 2018.

Percebemos, por meio da imagem, que só há um questionamento, mas sem nenhum tipo de contextualização. Assim como aborda Faraco (2007, p. 42), o ensino dos fenômenos da variação ainda é muito marginalizado nos livros didáticos. Percebe-se que, há receio de abordar as variedades socioeconômicas e dão preferência às variantes geográficas, como:

Nos livros, os fenômenos da variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a “cultura do erro” como pano de fundo). Quando se fala da língua, predominam referências à variação geográfica (sem dúvida, a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceitos do que a variação social). No entanto, os fenômenos são aqui apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que como expressões linguísticas da história das comunidades de cada região. (Faraco, 2007, p.42)

Para além dessa concepção, ao excluir do livro didático seus falantes, os autores deixam de contextualizar as variedades da língua portuguesa presente no contexto escolar, pois, é por meio da língua que ocorre o aprendizado. Nesse sentido, para os professores atuantes, como também, os futuros mestres da língua vernácula, é fundamental incluir seus falantes nas discussões em sala de aula, deste modo, os marginalizados que, por muito tempo, foram taxados como indivíduos que “só falam errado”, poderão ter a compreensão de que falam sim português, mas uma variante da língua. Entretanto, cabe também ao professor pontuar que, somente com leitura e domínio da norma padrão, que, quem sabe assim, os marginalizados poderão mudar seu meio social.

Já sobre a variação linguística em situações de uso, é possível perceber na Figura 02, que o personagem, além de utilizar a língua padrão, sabe adequar sua fala de acordo com cada contexto, também se valendo da informalidade para demonstrar graus de proximidade a quem se dirige a fala. Nessa perspectiva, um ponto positivo sobre esse quadrinho em específico é a representatividade do personagem, como uma pessoa negra e bem-sucedida, posição que costumava ser incomum em materiais educacionais. Porém, perde-se uma boa oportunidade de problematizar quais os motivos que levam o falante a adequar sua fala de acordo com o ambiente e o grupo social no qual se comunica.

Se a comunicação for adequadamente compreensível na variante popular, entende-se que existe uma pressão hierárquica que silencia a fala que denuncia seu meio social. Como nos alerta Faraco (2007), existe em nossa cultura um “[...] projeto histórico de segmentos da elite de homogeneizar/uniformizar os nossos modos de falar. O desejo de construir uma sociedade branca e europeizada levou essa elite a renegar as características linguísticas do país.” (FARACO, 2007, p. 47)

Figura 02 – A Língua em Diferentes Contextos



Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 64, 2018.

Esse uso “adequado” já não acontece no outro exemplo do livro (Figura 03), onde um homem engravatado está na praia com uma prancha de *surf*, porém, ele fala de forma extremamente formal. Ao conversar com outro surfista, que está vestido da forma esperada para

a situação, o texto revela que mesmo seguindo a norma padrão, seu uso inadequado pode gerar uma situação cômica, ou até mesmo ridícula, como fica evidente no quadrinho abaixo.

Figura 03 – Tirando Onda



Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 65, 2018.

Na charge apresentada, há uma série de estigmas ligados ao que se imagina ser um *surfista*. Tanto nas roupas, quanto o modo de falar, o personagem “engravatado” tenta impor superioridade em relação ao jovem surfista, utilizando um modelo do seu *status* social através das palavras escolhidas. Houve uma falta de tato em lidar com a interação entre diferentes grupos de interesse, uma vez que, os livros didáticos “tratam da variação social – isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado de popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta)” (FARACO, 2007, p. 44).

Como bem expressa Faraco, em um live ao vivo no canal da *Abralin* (Associação Brasileira de Linguística) com o tema “Bases para uma Pedagogia da variação linguística”⁴ (8 de maio de 2020), a importância do ensino da variação linguística nas escolas é fundamental na construção de um currículo inclusivo e os desafios para um melhor ensino da língua portuguesa ainda são muito presentes. Diante da temática, é necessário saber tratar as variedades como também respeitá-las, pois ao não respeitar, o professor estará excluindo seus falantes. Embora haja vários debates em torno deste tema, o conteúdo ainda não é satisfatório para que seus

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>. Acesso em: 12 out. 2023.

usuários entendam que eles não falam “errado”, mas sim, fazem, uso de uma variante da língua. O professor reitera a necessidade de dominar a língua patronizada para que assim, consiga adequar a todas as situações de uso que ela exigir dos seus falantes, mas que, esse discurso usado para justificar a exclusão não impede em nada o aprendizado formal nas aulas de português.

Partindo para a mudança temporal da língua, nos é apresentado um comercial de 1941 da marca *Kolynos*, onde uma moça loira e sorridente exhibe seus dentes muito brancos, com a seguinte chamada logo abaixo “O *dentifrício* de sua confiança-econômico.”, e continua mais abaixo “Apenas 1 cm. na escova secca limpa e dá brilho aos dentes”. O destaque dado pelo livro é o desuso da palavra *dentifrício*, que é modernamente conhecido como creme dental.

Figura 04 – Publicidade Kolynos



Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 66, 2018.

Mais adiante, outra forma de variação ilustrada com exemplos, é o trecho do filme “*Ta Dando Onda*”, onde um grupo de animais participa de uma competição de *surf*, dois personagens (um do “Frio de Janeiro” e outro do Pantanal Mato-grossense) de diferentes dialetos do Brasil (Sudeste e Centro-leste) se comunicam usando gírias da comunidade do *surf*, mesmo que cada um mantenha seu sotaque característico.

Figura 05 – Tá dando onda

João Frango: Te pegamos, te pegamos. Tu é mais pesado que boi na ladeira, hein? U-hu! Nada como trabalho em equipe. Prazer! João Frango, brou!

Cadu: Valeu, João.

[...]

Cadu: Meu nome é Cadu Maverick, do Frio de Janeiro. E tu?

João Frango: Não. Não sou do Frio de Janeiro, não.

Cadu: Ah... Tu é de onde?

João Frango: Eu sou do Pantanal Mato-grossense, lá do Brasil. É lá que eu surfo. Eu era o único que surfava na região, e as pessoas me achavam meio doido, mas eu me acostumei.

Cadu: Eu sei como é isso, cara.

João Frango: Sabe?

Cadu: Sei.

João Frango: Irado!

(João Frango é arremessado ao alto por uma onda)

João Frango: U-hu-hu! Mó visual, maninho!

[...]

Tá dando onda. Direção: Chris Buck e Ash Brannon. Columbia Pictures, Sony Pictures Animation. EUA, 2007. DVD (85 min).



Cena da animação *Tá dando onda*, direção de Chris Buck e Ash Brannon, EUA, 2007.

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 67, 2018.

Em um exemplo de variação de grupo social, nos é apresentado a letra da música “Broto Legal” interpretado por Sérgio Murilo, em que a palavra *broto*, que significa uma garota bonita, era uma gíria jovem do meio “rock and roll” da década de 1960. O objetivo é mostrar que, diferentes estilos e aplicações das palavras podem variar dependendo do grupo e com o passar do tempo. A abordagem é diferente no cartum a seguir.

Figura 06 – Broto Legal

<i>Broto legal</i>	
Ô que broto legal	Puxei o broto pra cá
Garota fenomenal	Virei o broto pra lá
Fez um sucesso total	A turma toda gritou
E abafou no festival	<i>Rock and roll</i>
Eu logo que entrei	E o <i>rock</i> continuou
O broto focalizei	[repete a letra toda até aqui]
Ela olhou eu pisquei	E o <i>rock</i> terminou
E pra dançar logo tirei	E o <i>rock</i> terminou
O broto então se revelou	
Mostrou ser maior	
A turma toda até parou	
E no <i>rock and roll</i> nós dois	
demos um <i>show</i>	

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 68, 2018.

Para fazer uma analogia ao calor e aridez do Nordeste, o autor coloca dois animais de ambiente gelado, os pinguins, em um clima desertificado, assumidamente resultado do aquecimento global. O sentido se concentra na expressão “oxente”, típica do nordestino, como se ela fosse inerente a ambientes quentes, e não à historicidade da região brasileira. Mostra o regionalismo, porém de forma simples e estereotipada.

Figura 07 – Polo-Norte Nordestino

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 69, 2018.

O jogo linguístico usado nessa charge aponta para como a cultura nordestina é mostrada e estigmatizada na mídia nacional, ressaltando aspectos “exóticos” na construção da nossa identidade regional. Diante disso:

O estigma ainda recai pesadamente sobre as variantes mais características da norma popular, fortalecendo-se a cada dia – inclusive com a força dos meios de comunicação de massa – um preconceito que, sem fundamento linguístico (cf. Bagno, 1999), nada

mais é do que a crua manifestação da discriminação econômica e da ideologia da exclusão social. (LUCCHESI, 2002, p. 88 *apud* FARACO, 2007, p. 38)

O quadrinho que segue a este, também trata de regionalismos, pois enfatiza o sotaque do personagem assumidamente carioca com as expressões “paulixta” e “mermão”, mas se atém a diferenças culturais (modo de preparar o cachorro-quente). Novamente o regionalismo é trazido, porém, o sotaque paulistano não é aparente na escrita como o outro, sugerindo que este seja o padrão da linguagem, *sem sotaque*.

Figura 08 – Paulista e Carioca



Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 70, 2018.

O último texto, intitulado *Plantel do Benfica Agradece aos Adeptos*, nos apresenta um texto de difícil compreensão, pois é dedicado ao público português. Mesmo sendo essa, a língua base da nossa língua oficial, muitas expressões como “camisola” e “bota de futebol” possuem outros sentidos em nossa cultura, exemplificando mais uma variação regional internacional.

Figura 09 – Plantel do Benfica

Plantel do Benfica agradece aos adeptos

O apoio no final da partida com o Zenit, apesar da derrota, deixou o grupo de trabalho encarnado emocionado.

Os adeptos encarnados perdoaram a derrota com o Zenit e nos últimos minutos da partida de abertura da Liga dos Campeões não pararam de aplaudir a equipa, gritando “Benfica, Benfica”. Luís Filipe Vieira e Jorge Jesus já fizeram questão de agradecer pelo apoio, acreditando que servirá de incentivo para melhores resultados no futuro, sendo agora a vez de o plantel, liderado por Luisão, mostrar também a sua gratidão pela atitude dos fãs no final da recepção ao Zenit, através de um vídeo publicado no *facebook* oficial do Benfica.

Disponível em: <<https://www.ojogo.pt/futebol/1a-liga/benfica/noticias/interior/plantel-do-benfica-agradece-aos-adeptos-4134562.html?id=4134562>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 70, 2018.

Apesar de ter a mesma “raiz”, a assimilação do português de Portugal pode ser muito custosa para um brasileiro, porém, exemplos como este ainda são usados com frequência nos livros educacionais. Isso acontece, porque, além de querer mostrar uma variante regional

geograficamente isolada da realidade brasileira, se adota a gramática portuguesa como a ideal em muitos aspectos.

Por causa dessa incapacidade da norma-padrão de conter a variação e impedir a mudança é que, com o passar do tempo, vai se abrindo uma distância muito grande entre os usos linguísticos reais e as formas normalizadas, padronizadas, eleitas como modelares. No caso brasileiro, essa distância pode parecer um verdadeiro **abismo**, porque a nossa tradição gramatical se inspira em grande parte em determinados usos (literários, antigos, lisboetas) do **Português de Portugal** e despreza ou condena as variantes mais frequentemente empregadas pelos brasileiros, incluídos aí os falantes com alto grau de escolarização e membros das classes privilegiadas. Surge então o estranho sentimento que a maioria dos brasileiros de que “brasileiro fala mal o português” ou de que “português é muito difícil”. (BAGNO, 2007, p. 94)

O problema não se encontra somente nos exemplos escolhidos pelos autores, mas sim, como foi lidado com a diversidade. Nesse sentido, não foi apresentado a variedade brasileira e sua diversidade de usos corriqueiros; o motivo por trás desse receio de representar satisfatoriamente todas as camadas socioeconômicas do nosso país pode ser a repercussão negativa na mídia, como aconteceu na proposta do livro didático *Por uma vida melhor*⁵.

As questões apresentadas no livro foram divididas em sete partes, cada uma condizendo com um texto dos que foram expostos nesse artigo.

QUESTIONÁRIOS PÁGINAS 63-71

Questionário 1 – Malta Reunida

Agora, responda a estas questões.

- 1** Esse anúncio faz parte de uma campanha que incentiva os moçambicanos a aproveitar o verão. Que elementos da imagem relacionam essa estação à sensação de bem-estar e descontração?
- 2** De que modo a sensação de calor, característica do verão, é representada na imagem? E no título da campanha “Verão Amarelo”?
- 3** Em “Malta reunida”, que aparece em destaque, ocorre uma palavra que praticamente não é usada no Brasil. Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso?
- 4** Suponha que essa campanha também fosse veiculada no Brasil. Que adaptações você faria no texto para que ficasse de acordo com a linguagem que os brasileiros costumam usar? Reescreva as frases no caderno.

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 63, 2018.

Questionário 2 – Dentifício Kolynos

- a) Que termo também era usado naquela época para *creme dental*?
- b) Identifique no anúncio as palavras que antigamente eram escritas de maneira diferente da de hoje e atualize-as.
- c) Que qualidades do produto foram destacadas?
- d) Esse anúncio revela que a passagem do tempo não altera apenas a língua. Que outros aspectos também sofreram mudança?

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 66, 2018.

Questionário 3 – Tá Dando Onda

- a) A amizade entre Cadu e João Frango nasce de uma experiência de vida que ambos tiveram. Qual?
- b) O nome “Frio de Janeiro” é uma brincadeira. Por que a palavra *Rio* foi trocada por *Frio*?
- c) A caracterização dos personagens como surfistas inclui o uso de muitas gírias utilizadas por esse grupo social. Transcreva exemplos usados para fazer referência ao interlocutor.
- d) Em que situações costuma ser empregada a expressão *u-hu*? Que outra palavra do texto tem o mesmo sentido dela?

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 67, 2018.

⁵ Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19339>. Acesso em: 12 de out. 2023.

Questionário 4 – Broto Legal

- a) A letra da canção trata de um evento envolvendo jovens. Qual é ele?
- b) No contexto dessa canção, a palavra *broto* é uma gíria. O que ela significa?
- c) Qual é o sentido comum de *broto*? Existe alguma semelhança entre esse sentido e o da gíria?
- d) A gíria *broto*, que já foi muito utilizada pelos jovens, hoje está em desuso. Que outra gíria tem sido usada no lugar dela?

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 69, 2018.

Questionário 5 – Polo-Norte Nordeste

- a) O cartum chama a atenção do leitor para um importante problema da humanidade. Qual?
- b) Para falar sobre o tema, o cartunista associou duas imagens que costumam contrastar. Explique essa oposição.
- c) Que importância tem a legenda *Polo Norte 2100*, no canto superior esquerdo do cartum?
- d) Que sentido a palavra *oxente* exprime nesse contexto?
- e) Em que região do Brasil essa palavra costuma ser usada?
- f) O uso dessa palavra por um pinguim reforça o contraste entre a situação que ele está vivendo e a que deveria viver ou afirma a possibilidade de fácil adaptação à nova situação?

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 69, 2018.

Questionário 6 – Urbanoide

- a) Por que a palavra *paulista* foi escrita com x ("paulixta") e não com s?
- b) Por que essa forma de escrever a palavra *paulista* é fundamental para que o leitor entenda a tira?
- c) Que outras palavras usadas pelo mesmo falante também marcam a variedade regional da cidade do Rio de Janeiro?
- d) Além da língua, que outro aspecto cultural é citado para diferenciar os moradores das duas regiões?
- e) As tiras do Urbanoide são publicadas em jornais da cidade de São Paulo. Que diferença haveria se essa tira circulasse em um jornal carioca?

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 70, 2018.

Questionário 7 – Plantel do Benfica

- a) Qual é o assunto noticiado pelo *site*?
- b) Já no título são usados dois termos bastante incomuns na língua portuguesa do Brasil quando o tema é futebol: "plantel" e "adeptos". Que palavras seriam empregadas em um *site* brasileiro?
- c) Quais palavras no texto são equivalentes a "plantel" e a "adeptos"?
- d) Nesse texto, as diferenças no vocabulário são suficientes para prejudicar a compreensão da notícia portuguesa pelo leitor brasileiro? Justifique sua resposta.

Fonte: Livro didático *Se Liga Na Língua*, 6º ano, p. 71, 2018.

Há vários aspectos problemáticos a serem destacados na elaboração dessas questões. Primeiramente, a abordagem inicial se mostrou consideravelmente improdutiva, pois é comparada a diversidade da língua com outro país, ao invés de introduzir o conteúdo a partir da realidade brasileira. O material também não traz variações regionais dentro do próprio território, o que serviria para visibilizar as diferenças dialetais nas quais o aluno, inevitavelmente, vai identificar-se como parte de sua comunidade.

Em relação às gírias abordadas, nos é mostrado que, mesmo falantes de regiões distintas podem usar uma linguagem muito parecida, como a comunidade do *surf*, e isso é louvável por parte dos autores. Além disso, também é mostrado como as gírias podem cair em desuso muito rápido, assim como no exemplo do "broto legal".

Mas, apesar desses acertos, não foi desenvolvido um exemplo concreto de discriminação linguística, quando e como acontece, mesmo que, o subtítulo seja "preconceito linguístico" a situação descrita logo em seguida é a de um cidadão vestido formalmente, "sofrendo" preconceito por falar segundo a norma padrão em um ambiente informal. Sabemos que, em sua maioria, não é esse tipo de pessoa que vive o preconceito nas salas de aula.

Apesar de alguns livros didáticos abordarem a relação entre fala/escrita e a questão da variação linguística, muitos professores deixam de lado essa perspectiva, considerada normalmente como de importância secundária. No entanto, pesquisas comprovam que a tendência pedagógica tradicional se acha superada (cf. Mollica et al., no prelo). As novas diretrizes voltadas para temas sobre língua portuguesa de maneira interdisciplinar, levam em consideração, entre outras coisas, o conhecimento prévio do aluno traz para a sala de aula. (MOLLICA, 2011, p.74)

Diante disso, questionamos como o alunado poderá participar das aulas sem ter sua individualidade e subjetividade incluídas no contexto escolar, pois, através da interação em sala, o aluno poderá perceber que é a variedade que ele usa no ceio familiar. Essa postura não faz parte das discussões em sala aula, sendo assim, será dificultada a obtenção da habilidade de decodificar as situações de uso de suas variantes adquiridas, algumas para sua comunidade social, outras para ambientes externos.

Finalizando análise do conteúdo orientado pelas questões de variação linguística, os autores ainda tiveram predileção de selecionar um texto no português do colonizador, onde podemos perceber duas linhas de raciocínio: 1. Para acentuar a distância entre o brasileiro e o português na sua fala e escrita, tem um afastamento geográfico, como também, cultural; 2. Na elaboração de um livro didático, onde o alvo é a escola pública, é de péssimo gosto trabalhar um português idealizado que não faz parte do dia a dia dos brasileiros, até mesmo para os literatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo, foi explorado o fenômeno do preconceito linguístico e os diversos aspectos que sustentam sua persistência em nosso cotidiano. Foi confirmado que, a estrutura da desigualdade racial e social atua como uma estratégia de silenciamento das classes populares, para a não aquisição do seu direito à educação igualitária e de qualidade.

A língua, tanto oral, como também, a escrita, mesmo na sociedade hodierna, continua sendo a maior arma para ascensão na sociedade brasileira e cabe ao professor de língua portuguesa problematizar os estigmas presentes nas salas de aulas, pois, por meio dos debates, os alunos que não dominam a norma culta, como também, aqueles que a domina, entenderão que a língua portuguesa não é homogêneo e sim heterogenia, assim sendo, a língua varia por diversos fatores, dentre eles a idade dos falantes, a comunidade onde eles é pertencem, o nível de escolaridade, dentre outros.

Todavia, vale apenas ressaltar que, para que nossos alunos não tenham mais medo ou receio em participar das aulas, os professores em geral, devem reconhecer as variedades linguísticas presentes na sala de aula, e por meio desta, problematizar os conteúdos, ao mesmo tempo que, adequando para cada contexto, como também auxiliando o alunado a exercer sua cidadania plena. Por outro lado, a forma gráfica da língua continua sendo o fundamental objetivo do professor de língua portuguesa. Entretanto, os professores que se baseiam em um português exclusivamente gramatical, carecem de uma formação sociolinguística adequada, para que assim o uso da sintaxe esteja de acordo com cada contexto, deste modo, auxiliando o alunado a ser o sujeito de sua própria história.

Foi observado que, conforme o material didático pesquisado, as abordagens utilizadas não são satisfatórias, pois, comparando o crescimento do preconceito linguístico, o espaço delimitado à sua desconstrução é de fato insuficiente. Ainda é possível considerar que o livro deixa a cargo do professor como irá problematizar o conteúdo em sala, mas este pode simplesmente ignorar a reflexão proposta. Mesmo havendo vários recursos para se trabalhar o preconceito e as variações, tais como (músicas, novelas, poemas, redes sociais, e tantas outras criações tipicamente brasileiras). Todavia, sabe-se que a inovação não está disponível para ser acessada facilmente por muitos. Ainda é importante ponderar que, a ausência das variações regionais do Brasil no livro didático, mesmo que o país tenha 27 estados e cada um carrega consigo suas pluralidades, ou seja, sons e dialetos característicos de cada Estado. O conteúdo como é exposto para os alunos leva eles a acreditar que a variedade que eles dominam não é português. Deste modo, conduz os alunos a descredibilizar a língua adquirida no convívio

familiar. A realidade como é demonstrada pelos autores do livro didático, determina que os alunos a adotem somente a identidade de ex-colônia de Portugal, não deixando evidente sua intenção em combater a desigualdade de acesso à língua, de forma que só se pratica uma simulação de um contexto de uso gramatical ideal. É fundamental que a história da formação da língua portuguesa no Brasil seja reapropriada pelos herdeiros dessa herança cultural.

Nesse sentido, o aluno precisa sentir que pertence à Escola, e não como um intruso em uma instituição que não enxerga seu potencial como autor da própria história. Nenhum aluno chega na sala de aula como uma página em branco: ele já chega na escola acompanhado de sua cultura e vivências, já passou por diversas redes de conhecimento internalizando-as, para além disto, e seu repertório linguístico característico. Somente com a interação professor-aluno/aluno-professor é possível adquirir novos códigos linguísticos que o capacitará como cidadão a moldar a fala de acordo à necessidade situacional. Respeitando a maneira como o aluno se expressa é o que proporcionará o acolhimento necessário perante toda a comunidade escolar, fazendo com que este não sofra mais constrangimentos ao interagir em diversos espaços.

Por fim, conclui-se que, não há somente uma língua portuguesa, mas existem várias línguas no português brasileiro, mesmo que a variante a ser incentivada na escrita seja a da norma padrão. A língua oral do falante deve ser respeitada, e como tal, faz-se necessário um componente direcionado exclusivamente para ensinar as variedades na língua, e como foram construídas historicamente essas variantes. Quem sabe assim o preconceito que atinge os brasileiros, um dia sumirá/desaparecerá da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, N. C.; FACHIN, J. Evolução das fontes de informação. **BIBLOS**, [S. l.], v. 29, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- BAGNO, M. **A norma Oculta: língua & poder na sociedade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. **Nada na Língua é por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M., 1945 – **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguísticos & educação**. Stella Maris Bortoni-Ricardo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAVALCANTI, J. R. As faces de uma polêmica: o episódio do livro didático Por uma vida melhor. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 29, n. 3, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/delta.v29i0.19339> . Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19339> . Acesso em: 6 nov. 2023.
- FARACO, C. A. **Por uma pedagogia da Variação Linguística**. In: CORREA, Djane Antonucci (org.) *A Relevância Social da Linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 21-43.
- KLIPPEL, N. dos S. **O Preconceito Linguístico no Livro Didático de Língua Portuguesa: uma análise**. Dissertação (Graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa), Departamento de Letras (DELET), Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Disponível em: <https://sguweb.unicentro.br/atrabalhos/viewpublico/5f3982b5-ec18-45f5-b02c-d345c8c90a2>. Acesso em: 19 ago. 2023.
- MIRANDA, C.; RODRIGUES, V, L.. *Língua Portuguesa*. Ática. São Paulo, 2008.
- MOLLICA, M. C. **Fala, letramento e inclusão social**. 1. ed., 2ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2011.
- ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem: manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2018.
- SANTOS, J. G. **História da Avaliação: do exame a avaliação diagnóstica**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.
- SILVA, R. V. MATTOS. e. **O Português são Dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.